



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.

DE0042018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

9 de Maio de 2020 • Ano LXXVII • N.º 1987
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

SETÚBAL

Padre Acílio

Mãe

HÁ quinzezanas pedi um carro e o carro veio!
Agora peço uma ou duas mães. Não que a D. Conceição deixe de ser, nada disso, mas que ela precisa de ser ajudada, torna-se evidente.

A mãe, nas Casas do Gaiato, é a pessoa onde vão bater todas as dores e contrariedades dos rapazes. Ela é como um para-raios é o alvo de todo sofrimento dos rapazes. Ela cura, consola, acarinha, beija e abraça. Cuida da roupa, do calçado, da saúde, da alimentação, da higiene, da ordem e beleza da Casa.

Por ela passa a vida toda de todos os rapazes e de cada um em particular. Ela é um poço secreto de queixumes, desabafos e confidências da rapaziada.

São muitos os rapazes casados que a tratam por mãe e ensinam os filhos a darem-lhe a honra de avó.

Deu-nos mais de quarenta anos da sua vida mas, agora, o seu cansaço é claro e o seu desgaste impede-a de recuperar facilmente, de forma que o esgotamento se torna acentuado.

Não veio logo tomar conta da vida materna da Casa mas a pouco-e-pouco foi assumindo este lugar e os rapazes do mesmo modo se foram sentindo acolhidos. Tratam-na por senhora! *Oh! Senhora!*

Foi uma forma de servir a Deus no escondimento, na entrega, na pobreza, no serviço dos pobres e na aventura a que a Providência Divina a chama.

A insegurança e o medo são forças que impedem tanta mulher de se dar à Obra. Uma congregação ou uma ordem oferecem muito mais segurança do que a Obra da Rua.

É um desafio: venham ver, falar, observar e, se Deus quiser, experimentar.

O Senhor é meu pastor nada me faltará, nada me faltará. Uma coisa é cantar-se *nada me faltará* outra é experimentar e aferir pela entrega que Ele é o amigo de todos os momentos. Nosso e dos outros que se aproximam de nós. □

VINDE VER!

Padre Quim

Ainda somos a porta aberta

PARA aqueles que queiram entrar e sair. Com o aparecimento da pandemia passamos a fechar a porta e a ficar em Casa como mandam as regras do Ministério da Saúde.

As ruas da cidade ainda não se encontram desertas, como era de esperar, para evitar a propagação da doença — quando por ali passava para comprar arroz e farinha de milho, que já se esgotou na maior parte dos armazéns e em outros se encontra muito cara —, assisti a vários episódios de violência. Vi as pessoas aflitas em busca de um pão para matar a fome dos seus filhos, vi também a polícia exibindo a sua autoridade sobre quem não aceita morrer de fome em casa para cumprir as regras que proíbem a circulação de pessoas. Vi, ainda, os soldados armados, muito armados, com a força desproporcional para manter a ordem em tempo de emergente luta pela sobrevivência. Pelo menos um pão para poder ficar em casa em paz com o estômago. A história é muito antiga e muito recente, sempre em reposição — Golias e David.

A nossa comunidade está a seguir à risca as indicações para evitar o contágio — prevenindo-se para prevenir a família. Retomamos, com maior seriedade, os hábitos saudáveis no que diz respeito à higiene pessoal.

Nesta fase em que é obrigatório ficar cada um na sua casa, reconhecemos que foi mesmo providencial a construção do nosso muro, que nos está a ajudar a manter o portão da entrada fechado e só é aberto para alguma situação pontual e de extrema necessidade para a comunidade, evitando qualquer invasão e dispersão dos rapazes fora de Casa.

Continua na página 4



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Crianças

PARECEM ter sido dirigidas exclusivamente à humanidade as consequências da epidemia que se espalhou no mundo. Ao contrário do homem, todos os outros seres vivos beneficiaram dos efeitos desta pandemia. O ambiente em geral recuperou na sua "saúde", os animais recuperaram espaços pela ausência do homem, a natureza ficou desafogada sem a pressão exploradora e a avidez pelos seus recursos.

Antigamente, quando uma criança se comportava mal, era ameaçada de ser fechada no seu quarto, às vezes «no quarto escuro». Era tudo tão natural como o contrário. Hoje, esta medida correctiva seria inconcebível, embora em tantas situações se carreguem as crianças com cadeias bem mais duras e difíceis de quebrar.

Pois parece que agora fomos todos, pessoas de todas as idades, que recebemos o castigo de ficarmos fechados em casa, seja qual for o local do planeta onde vivamos. Não podemos dizer que nada fizemos de mal. Se fossemos a elencar as asneiras feitas, não haveria livros que comportassem todas elas.

É provável que haja quem se sinta no direito de fazer tudo o que lhe vem à cabeça. As crianças facil-

mente agem assim. Seguem os seus impulsos, raramente reflectidos. Também nós já fomos crianças... Por isso é que vinha o castigo de podermos ficar fechados no quarto...

Mas não havia só castigos. Também havia os prémios. Na parte que me toca, não me recordo tanto de os receber, talvez porque mais candidato aos primeiros. Sim, destes lembro-me de muitos... e como eram merecidos. Prémios, merecia-os quem me criou e educou...

Por isso é triste que a maioria das vítimas desta pandemia sejam os que estão na fase final da vida, perto do final de a cumprirmos. Quem sabe se não será uma ironia este destino? Antes que lhes retirassem o tapete, como já se ia fazendo por vários lados, e a alastrar!?

Como seria bom que o homem se remetesse à sua grandeza, a ele foi entregue tudo quanto existe, todos os meios para transformar o mundo em proveito de todos, em que o singular é absorvido pelo plural, sem extremismos. Grandes coisas faz o homem, mas algumas são tão grandes que o esmagam.

Parece que, agora, muitas pessoas estão desejosas de regressar ao passado, viver como já viveram. Não era certamente tudo mau, muito de humano corria nas veias da humanidade. Mas, uma simples lição será de colher de tudo o que temos vivido nos últimos meses: Não esquecermos que, no fim de contas, ainda somos como as crianças... Mas também, que «é delas o Reino dos Céus». □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A PROVEITO a quarentena do coronavírus, não por ter folga, mas por não haver neste intervalo muitos pobres à minha volta, para falar da doutrina do *Património dos Pobres*.

Como todas as iniciativas do P. Américo, é melhorar a situação dos Pobres pela actividade da Igreja Católica ou, melhor ainda, pelas atitudes cristãs perante a pobreza evidente. O Fundador da Obra da Rua conseguiu levar muitos párocos e o Povo de Deus a lançarem-se em campanhas, em

acções a favor dos Pobres das suas comunidades e a construir casas, bem como apoiando a autoconstrução.

Em muitas freguesias os padres do seu tempo construíram, com o sacrifício dos cristãos, duas, três ou mais casas para famílias incapazes de levantarem ou adquirirem as suas próprias moradias. Conheço algumas onde até se fizeram bairros, não segundo a nossa visão social mas em vista às necessidades e recursos de cada freguesia.

É claro que uma casa é essencial para fazer uma família. Sem casa, nada. Mas não basta esta, é necessário um acompanhamento constante e duradouro sem desfalecimentos. O padre é o primeiro despertador desse dinamismo amoroso pelas famílias degradadas que o *Património* tem acolhido. Se o pároco não sente a paternidade que as famílias pobres precisam, vão-se muitos valores por água abaixo e a pobreza encaminha-se para a miséria.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O MEDO — O confinamento a que a pandemia do COVID 19 obrigou não anda muito longe do estado em que está uma boa parte das pessoas que as Conferências Vicentinas ajudam: muitas são pessoas que a idade ou outras situações limitam nas suas possibilidades de saírem de casa e que as tornam dependentes doutras pessoas para várias das tarefas da sua vida diária.

Uma novidade que a pandemia trouxe para muitas destas pessoas foi a redução nas visitas que antes recebiam de familiares e doutras pessoas com as quais se relacionavam.

Espera-se que o desconfinamento que aí vem permita um reatamento gradual desses laços sociais, mas há um risco grande que é antigo e, por isso, não surgiu com a pandemia, mas que esta pode estar a agravar e que poderá ficar por aí, com uma intensidade que o desconfinamento não irá atenuar, mas antes agravar.

Esse risco tem que ver com o medo: o medo de sairmos para a rua e de sermos contaminados; o medo de contaminarmos outras pessoas, a desconfiança em relação à pessoa do lado que, mesmo que não tenha o vírus, tosse; o medo de se perder o emprego; o medo de não se poder reabrir e recuperar a empresa; e outros medos.

Já está a haver e vai haver mais pessoas a precisarem de ajuda material (em alimentos, em medicamentos, em dinheiro) por causa da pandemia. Para este tipo de ajuda é preciso um esforço acrescido para angariarmos os recursos que são necessários, mas como vamos fazer para lidarmos com os problemas complicados que poderão vir do medo, dos nossos próprios medos e dos medos dos outros?

O medo e a ansiedade fazem parte da vida de todos nós. Mal geridos, os medos podem dar para a desgraça. Por isso, temos que fazer esforço para os gerir bem.

Gerir bem os medos que já andam por aí e que se poderão intensificar poderá ser uma das tarefas sociais mais importantes, mas, também, mais difíceis dos próximos tempos. Voltaremos a este assunto em futuras crónicas. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

ESTUDO — Neste período escolar, que começou diferentemente dos outros períodos, os nossos estudantes têm tido apoio de outros Rapazes mais crescidos, que são o Bruno, o Daniel e o Manuel. Na biblioteca têm as aulas da tele-escola; na sala de formação, assistem às aulas em vídeo-conferência e fazem os seus trabalhos marcados pelos professores; na sala dos computadores ficam os do curso da Profensino; ainda outros, de cursos profissionais e do secundário, trabalham na sala da nossa tipografia; finalmente, os mais pequenos, têm apoio do sr. padre. Tudo tem corrido bem, graças a Deus, com o trabalho feito pelos mais velhos.

VACARIA — Na nossa vacaria, que é cuidada pelos nossos dois trabalhadores, nasceu mais um vitelinho de raça castanha. É muito bonito, como o são todos os da sua raça. As nossas vacas leiteiras estão a produzir mais leite para o nosso consumo, visto que os seus bezerros já não precisam de mamar pois já comem o mesmo tipo de alimento que as suas mães. Estamos já a preparar o corte das ervas de inverno, que servirá de alimento para o nosso gado, embora mais tarde do que é habitual devido ao tempo chuvoso.

LIVRO — Os nossos mestres tipógrafos estão a preparar a execução de um novo livro, que será sobre os artigos do nosso Padre Horácio publicados no O GAIATO. Vai ser um livro importante para todos nós, especialmente para quem não conhece a vida e o trabalho do nosso falecido Padre Horácio, na Casa do Gaiato de Coimbra e no seu serviço aos Pobres, especialmente no Património dos Pobres. Irá sair o livro muito em breve.

BAR — Depois das refeições os nossos Rapazes vão ao nosso bar para tomar o seu café, os mais velhos, ou um

carioca ou chá para os médios. Os mais novos tomam o seu carioca ao domingo. Depois enquanto uns jogam à sueca, outros jogam *snooker* e outros vêm televisão. Há também quem se divirta na *internet*. É assim que passamos a nossa quarentena. □



É a Karen Nayel Morais Mota, filha do Erickson que foi da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa e que reside actualmente em Luanda — Angola.

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Tendo em conta a situação de isolamento e dado que vários jardins desta Casa estavam a precisar do corte da relva e de limpeza, tem-se dedicado mais tempo à jardinagem em várias áreas interiores: ao cimo das escadas do portão antigo; junto ao salão; em frente às oficinas; próximo da passareira; a sul do *parque*; a nascente, a poente e a norte da escola; e atrás da *casa-nova* e do *lar*. No jardim a sul do *campo de ténis*, foi plantada relva; e nos jardins a norte do campo de futebol, foram plantadas pequenas varas de um arbusto, nos dizeres *O Gaiato* e *Miranda*. Também se cortaram os arbustos do jardim à beira da fonte. E ainda foram cortadas as ervas daninhas do campo de futebol. Faltam arranjar os jardins exteriores do largo do cruzeiro e junto à sacristia da capela. Precisamos de mais galinhas poedeiras, mas ainda não foi possível comprar estas aves. A ovelhita pequena foi mudada com a progenitora para a corte das outras ovelhas. Tivemos muita palha de aveia, a qual vai sendo, como tem acontecido, a base da alimentação do nosso rebanho. É preciso descarolar o milho da colheita do ano passado, para depois se ir moendo conforme as necessidades do gado.

OBRAS E ARRANJOS — A muito custo, foi paga a última factura das obras recentes, referente aos trabalhos de remodelação efectuados no primeiro andar, em especial assentamento de mosaicos e pinturas de tectos, paredes, portas e janelas. Nesse piso, foi substituído outro chuveiro. Aguarda-se que venha da loja o que está em falta no balneário antigo, debaixo do refeitório, para servir de apoio ao desporto. Na secção por cima do galinheiro, foi aumentado um estendal de roupa, colocando apoios e cabos. Nos quartos de dormir e de banho, fizeram-se várias reparações. É

preciso consertar as redes de vedação e arranjar o piso do *campo de ténis*, assim como peças no *parque infantil*, pois estão estragadas. Faltam umas borrachas nas mesas de matraquilhos, pois desgastaram-se com muito uso. No exterior e interior de vários edifícios da nossa Casa, há muito para se remodelar.

ESCOLAS / CENTRO DE ESTUDO — Com o 3.º período deste ano lectivo a decorrer em isolamento do exterior e numa situação não presencial dos rapazes nas várias escolas, mas nas nossas salas de estudo, com professores destacados, tem sido um desafio diferente, pois a maioria dos alunos entra (em Casa) às 8:30h e sai às 17:30h, com uma hora para almoço, pelo que passamos mais tempo nessas salas, tendo poucas horas livres para outras tarefas domésticas e de exteriores. Depois de colocados cabos, tomadas e calhas no nosso centro de estudo, ainda tivemos de esperar algum tempo até que uma operadora viesse instalar *internet* fixa. Nesta altura, este recurso informático é mais necessário para acompanharmos as aulas e comunicarmos com os professores de diversas escolas, seguindo as matérias leccionadas e realizando os trabalhos escolares propostos. Há um horário do chamado *Estudo em Casa*, pela televisão [*RTP Memória*] que tem sido cumprido até ao 9.º ano. Temos necessidade de alguns computadores, de preferência portáteis.

SAÚDE — Devido à pandemia de *coronavírus [covid19]*, vivemos uma situação sanitária excepcional, com necessidade de isolamento preventivo. Assim, os portões permanecem fechados, com entradas e saídas de nossa Casa mais controladas — apenas as indispensáveis: funcionários e de/para bens necessários (medicamentos, géneros alimentares e

outros). Chegaram-nos alguns materiais de protecção, oferecidos por amigos e várias entidades [Câmara Municipal de Miranda do Corvo, Instituto Superior de Engenharia de Coimbra e *Bluepharma*]. De famílias amigas, do Quartel de Coimbra e da ACUINOVA [peixe] temos recebido vários alimentos. Bem-hajam!

CAMPANHA DE ASSINANTES — Com os recursos digitais e a partida de assinantes amigos, tem diminuído o número de assinantes/leitores do nosso jornal *O Gaiato*, que é importante para a divulgação da vida da Obra da Rua. Como é sabido, pode ler-se em papel e/ou formato digital. Também para esta Casa do Gaiato, a permanência e o aumento de assinantes amigos (e generosos) é uma dimensão com importância para a sua sustentabilidade. Assim sendo, passamos a divulgar o *Famoso* também nesta coluna, pois nas visitas e nas igrejas e noutros lugares tem sido anunciado, quando é possível, desde a fundação do jornal *O Gaiato* pelo nosso querido Pai Américo [5 de Março de 1944].

— Amigos que partiram: Sargento José Cortez, D. Lídia da Silva Campos e D. Maria Teresa de Almeida e Melo Ferreira [Coimbra]. Agradecemos muito a amizade e partilhas que nos deram. Esta comunidade reza pelo seu descanso eterno e pelas suas famílias.

— Novos assinantes: Alzira Cláudia Cortez [Coimbra], Palmira de Jesus Rosa [Figueiró dos Vinhos] e Maria Alice Melo Rato [Coimbra].

O *mealheiro* para as despesas desta nossa Casa do Gaiato tem os seguintes dados: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — 3220-034 Miranda do Corvo; telef. 239 532 125; e-mail: gaiatomiranda@gmail.com □

NOTA DA REDACÇÃO

Foi há vinte anos que o nosso Padre Horácio partiu do nosso convívio físico, depois de 50 anos ao serviço da Obra da Rua cuidando da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que recebeu das mãos de Pai Américo, e dos Pobres que a procuravam. Supriu alimentos, roupas e remédios. Promoveu a construção de casas do *Património dos Pobres* (movimento emergente sob o lema: *Cada freguesia cuide dos seus Pobres*) e aconchegou nelas muitas famílias.

Destes 50 anos de convívio entre o senhor Padre Horácio e o nosso Jornal, ficaram páginas belíssimas de crónicas, de doutrina — de amor aos mais desafortunados da vida, os Pobres. Daí que estejamos a ultimar um livro de escritos seus, coligidos do O GAIATO, a que demos o título: *Padre Horácio — crónicas escolhidas e documentário fotográfico*.

Mui brevemente daremos notícias aos Amigos e Leitores mais interessados sobre a sua distribuição. □

BEIRE — Flash's da quinzena!...

Um admirador

1. Beire / Calvário, desde a Cruz até à Luz... Ainda estamos no *Tempo Pascal*. Isto é, um “tempo litúrgico” em que nós, os cristãos, somos *convidados especiais* para fazer *aquele Memória de Mim* de que nos falamos os *Quatro Evangelhos* — unânimes em no-lo re+COR+dar (Mt 26, 17-30; Mc 14, 12-26; Lc 22, 7-39 e Jo 13, 1 até Jo 17-26). E, sobretudo, convidados a fazer da nossa vida aquilo que, *in illo tempore*, foi a contagiante “experiência pascal”, vivida em primeira mão, pelos *Apóstolos* e demais *seguidores/as* de Jesus de Nazaré. Uma experiência, decorrida há mais de 2020 anos, com *tempo aoristo*¹. Isto é, uma experiência que, num momento crucial e decisivo, trouxe ao de cima todas as outras experiências daqueles “três anos de convivência”, em “vida pública”, com um *Mestre* que acabou por ser *condenado, morto e sepultado*. Mas que, ao terceiro dia, como lhes tinha prometido, *RE+suscitou de entre os mortos...*

Depois dessa primeiríssima “experiência pascal”, começou a desencadear-se aquilo que, para alguns historiadores, foi o *Movimento de Jesus*. Uma verdadeira *martelada na História* que a virou num *antes de Jesus* e um *depois de Jesus*. E, de tal modo essa “experiência pascal” foi sentida e assumida como incumbência de a passar aos seus vindouros de todo o mundo que, ainda hoje, essa “Memória” e esse “Compromisso” (*não podemos não falar*, Act 4, 20), continuam vivos. A desafiar quantos, no mundo inteiro, se deixam *cair na conta*, se deixam *tomar consciência* de que, afinal, *ninguém fica de fora*, de que todos — *gregos e troianos* — somos “convidados para a Ceia do Senhor”, no serviço dos últimos (lava-pés, Jo 13, 1-15). Com os efeitos e as consequências que daí possam advir. De cruces e de luzes... Pois. Pese embora tudo o que hoje pesa, o *Movimento de Jesus — Vivo e Ressuscitado —*



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Padre Horácio

– De como conheceu Padre Américo

CADA tempo e lugar tem os seus sinais, mais ou menos fortes, de dores e de alegrias. Nesta época singular à escala global, uma reflexão crente poderá passar pela redescoberta da *dependência* do ser humano — fundamentalmente de Deus, na Criação e com os outros. Vivem-se momentos de confinamento e medo em muitos países, pois os *números* (as pessoas com nome e rosto!) de infectados e vítimas sobem diariamente, aumentando a ansiedade nas populações. Entre tantas informações, é de meditar neste testemunho de um médico italiano — Filippo Risaliti: *Dei-me conta de que, na luta contra o coronavírus, o nosso esforço se centra demasiado em combater os males físicos dos pacientes*. Depois do Bispo Giovanni Nerbini designar alguns médicos cristãos do hospital de Prato, na Toscana [Itália], para levar a comunhão aos doentes, no Domingo de Páscoa, não conseguiu conter a emoção, confessando: *‘Chorei com os pacientes’*... Na verdade, a saúde espiritual é muito importante na vida humana.

Todos os dias na Igreja e no mundo, a pessoa humana tem *sede de felicidade* e há-de procurar realizar a sua vocação, no seu percurso pessoal e contexto vital que vai encontrando. Na verdade, todo o ser humano tem nostalgia do Divino! Se for dando tudo, menos a vida, não dará nada... Com demasiada poluição sonora e sujeitos a múltiplas preocupações e distrações, nesta era digital, pode viver-se desatento ao *essencial*, pelo que há uma necessidade cada vez maior de

momentos de *silêncio*, para ouvir os outros e a nossa consciência. O II Concílio do Vaticano consignou que *a consciência é o núcleo mais secreto do homem, e o santuário onde ele está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo* [Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, n. 16 – cf. Pio XII – AAS 44 (1952), 271]. No meio dos ruídos deste mundo, em que é frequente ver muita gente com auriculares nos ouvidos, será mais difícil escutar e reconhecer a voz do Bom Pastor? Na *parábola do pastor*, Jesus disse: *Ele chama as suas ovelhas pelo seu nome e leva-as para fora. Depois de ter feito sair todas as que lhe pertencem, caminha à sua frente e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz* [Jo 10, 3-4]. A propósito, sublinhamos o significado de que os membros desta comunidade — *casa-mãe* da Obra da Rua — sintam o *cheiro das ovelhas* e olhem pelo seu rebanho, cuidando das suas necessidades e alegrando-se com a sua saúde.

Em 6 de Maio de 2020, transcorreu um vinténio do passamento de Padre Horácio, sacerdote da Diocese de Coimbra, que se apaixonou pela Obra da Rua, como realização de serviço aos pobres na Igreja. Por deferência de Padre André Freire, do seu processo [no Arquivo diocesano], registámos breves dados biográficos, a saber: De seu nome Horácio Francisco Azeiteiro, nasceu em 28 de Janeiro de 1924, na Lentisqueira, concelho de Mira, filho de Manuel Francisco Azeiteiro e de Maria de Miranda Morais. Foi aluno dos Seminários de Coimbra e ordenado

Presbítero em 13 de Agosto de 1950, na Sé Nova, em Coimbra, por D. Ernesto Sena de Oliveira, Bispo de Coimbra [1949-1967]. Celebrou Missa Nova em 15 de Agosto, na Lentisqueira. Entretanto, foi responsável pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — Coimbra, desde 29 de Setembro de 1950 [até 20 de Junho de 1992]. Faleceu em 6 de Maio de 2000, em Setúbal, e foi sepultado na sua terra natal.

A notícia da sua *passagem* deste mundo aconteceu cerca de dois meses antes da nossa ordenação presbiteral, encontrando-nos em Santo Tirso, com Padre Celestino, pelo que tivemos de passar alguns rios — do Ave ao Mondego — para participar nas suas exéquias. Depois de uma sentida Eucaristia, fixámos ainda vivamente os momentos da descida do seu féretro simples à terra, na Lentisqueira, debaixo de chuva intensa, rodeado por familiares, membros da Obra, conterrâneos e outros amigos, em lágrimas. Da sua última vontade, na sua campanha rasa, quis apenas os dizeres: *Paz e Bem*. Na verdade, foi o lema [franciscano] da sua vida de serviço aos pobres, que serviu até ao limite das suas forças, como *pai* de família de rapazes da rua, na sua Diocese, e em visitas domiciliárias a pobres, ajudando-os nos seus rudes abrigos, em diversas zonas de Portugal.

Sobre o seu itinerário biográfico — de padre simples, arreigado à terra e amigo dos pobres — com sentido vocacional, notámos a pertinência de recolher o seu testemunho de vida — de como foi chamado e enviado a servir a Igreja, na Obra da Rua.

Os seus escritos falam claramente das suas lutas pelo sustento das bocas a si confiadas e pelo bem de outros mais frágeis. Com caligrafia muito legível, redigiu regularmente a sua *Tribuna de Coimbra* para as páginas d’*O Gaiato*, em crónicas terra-à-terra do viver dos seus filhos e pobres, seguindo o mandato de Jesus sobre o juízo final: *Tive fome, não tinha abrigo...*

Ao acompanharmos o processo de glorificação canónica de Padre Américo, Padre Carlos deixou-nos um dia consultar certo documento dactilografado com testemunhos significativos, como o de Padre Horácio, em 3 de Julho de 1992 [p. 85-100], recolhido na Casa Episcopal de Coimbra, perante o Cónego Manuel Leal Pedrosa [Promotor de Justiça], Padre José Varanda [Notário] e

Padre Alfredo Ferreira Dionísio]. Trata-se de *Cópia do processo rogatório da Postulação da Causa de Canonização do Servo de Deus Américo Monteiro de Aguiar, sacerdote, sobre a sua vida e fama de santidade, realizado no Tribunal Eclesiástico de Coimbra, nos anos de 1992 e 1993*. Assim, sobre as primícias da paixão de Padre Horácio pelos pobres, é de transcrever o seguinte: *Conheci o Servo de Deus [Padre Américo] muito antes de colaborar directamente com ele, por meio dos seus artigos no ‘Correio de Coimbra’. Conheci-o depois, em 1941, em visita ao Seminário da Figueira da Foz e à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Comecei a trabalhar com o Servo de Deus, desde 1950 a 1956, já a trabalhar*

Continua na página 4

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ☐

continua. Nem se vê jeito de o fazer parar. Com todas as *paixões* e *mortes* que, por causa disso, a História do Homens (sempre *por Ele amados*) vai registando. Aberta e/ou só veladamente. Consoante os lugares e os *ventos* que sopram a favor ou contra...

2. Depois da História, o Aqui e Agora!... Enquanto me recolho, a tentar escrever-vos esta minha vivência, escrever-vos-la assim “como quem reza” (um alerta de Pai Américo), caiem-me sobre o teclado as intermináveis *queixinhas* da Isabel, aqui mesmo debaixo da janela, as *birrices* da Luisinha lá mais ao fundo, o inconfundível *barafustar* do Diamantino, a dizer que também ele precisa tanto de atenção como de *cama, mesa e roupa lavada*... Caiem-me os fastidiosos *discursos* do Pomba, as típicas risadas do *Sem Nome*, os sonoros solilóquios do *Carocha*, os ataques de fúria do Paulo Sérgio. — *São os nervos que me dão*, explica ele depois, ao pedir desculpa. Quase oiço o silêncio do Nandinho, sempre a mendigar umas migalhas do carinho de que necessita como de pão para a boca.

Deixo-os passar um a um, nesse peregrinar de suas *cruzes* para as suas *luzes* — umas e outras sempre em grande abundância. Passam eles — rapazes e doentes. Passo eu próprio, também com as minhas *cruzes e luzes*. Tantas! Juntam-se-me ainda as dos nossos colaboradores, voluntários e *Padres da Rua*. Sem espaços de vazio, porque também aqui *ninguém fica de fora*. Neste nosso Calvário, como em todos os calvários do mundo, a alegria e a dor são irmãs gémeas siamesas, que não sabem nem podem viver separadas. Para que a *Luz do Evangelho* faça desta inseparabilidade uma fecundíssima *convivialidade*, como aquela de que Jesus tanto gostava, ao ver a todos sentados à mesma mesa. **Desde a Cruz até à Luz...**

3. De novo a cruz do nosso Calvário. Falei-vos dela no último *O Gaiato*, o n.º 1986. Enfeitada, a falar de Ressurreição. Olho-a de novo. Em todas as semanas deste tempo pascal, há sempre alguém que vai ali renovar os arranjos florais. Este ano, por razões várias, não celebramos, em cada sábado, primeiro (na *quaresma*) a *via cru-*

cis (via sacra) nem, agora, a *via lucis* (caminho da luz), introduzida na devoção popular, pelo Papa S. João Paulo II. Mas, a seu modo, esta faixa branca a esvoaçar, pendente da cruz de pedra, como que acenando para o vaso a florir que lhe enfeita o pedestal, mantém vivo o *Sacramento* (Eucaristia!) e os *sacramentais*² d’aquela “Memória de mim”. É uma forma de celebrarmos a *via lucis* — neste nosso caminhar *da Cruz para a Luz*. No sereno quotidiano do nosso Calvário.

1 — *Tempo aoristo* é um tempo gramatical grego que, entre nós, era traduzido como *presente histórico*. Mas que é bem mais do que isso. Porque um tempo aoristo é, sobretudo, aquele acordar em nós d’*aque-las vivências* que, no passado, deixaram tais marcas indelévels que, no presente, comandam ainda o futuro que vier...

2 — Reservamos a palavra *sacramento* (sinal visível de algo sagrado mas invisível) para os *Sete Sacramentos* celebrados pela Santa Mãe Igreja, para acolher os sete grandes momentos da vida dos homens — desde o berço — Baptismo — até à sepultura — Santa Unção. A palavra *sacramental* deixamo-la para coisas mais do quotidiano da vida cristã — os rituais, a bênção das nossas casas, imagens que reservamos para o nosso “cantinho da oração”, etc., etc., etc. ☐

PENSAMENTO

Pai Américo

Há vinte anos que sou, por misericórdia de Deus, visitador dos Pobres. Não vejo nenhum progresso. Não sinto que hoje se faça melhor do que então. Nunca vi tantos mortos como agora! Se algo se tem feito, é tanto o que havia por fazer, que parece que não vemos nada. E era por aqui — era por aqui que havíamos de ter começado. Esta deveria ter sido a inquietação. De outra sorte. Deus não acredita nos Seus. Nós mentimos a Ele que sim e ao Próximo que não!

O Barredo, pg 34.



SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt [facebook.com/Casa.do.Gaiato](https://www.facebook.com/Casa.do.Gaiato)
www.obradarua.pt <https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/>
NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 15050
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

O próprio convívio entre estas famílias juntas, por serem pobres, envilece-se e o ambiente torna-se infernal.

Naturalmente que o pároco precisa de se rodear de gente com carisma cristão, gente habituada ao sofrimento, que carregue entusiasticamente a sua cruz e venha, depois, ajudar os outros a levarem a sua. Pessoas que amem e sofram as enormes dificuldades de educar em todos os sentidos e toda gente pobre.

Fazer casas e deixar as famílias restaurarem-se por si próprias, é uma utopia e quase sempre uma tragédia, daí a queixa fundamentada de um bispo a dizer que o Património dos Pobres trouxe muitos problemas à Igreja. A esse senhor, já jubilado, eu queixar-me-ia de outra maneira: *A igreja tem muitos problemas por se aliar dos pobres.*

O Papa Francisco, como há muitos anos o P. Américo, iluminados pela Pessoa do Ressuscitado, viram bem que a primeira característica do Reino de Deus é a evangelização dos Pobres. O actual Papa manda *ir às periferias*, não só porque elas precisam, mas, também, por ser lá que se experimenta e radicaliza melhor a Fé Cristã.

Farto-me de pedir aos pobres que vão primeiro aos párocos, que tragam uma recomendação dos pastores, não só para fundamentar a verdade dos queixumes, mas também para obrigar aqueles a saborearem a dor, a amargura e a sem-solução em que muitas famílias caem.

É evidente que não compete ao *Património dos Pobres* resolver ou mesmo ajudar os problemas de toda a gente, mas é connosco assumir a dor. Este sentimento é fundamental para se viver e pregar o Evangelho.

Há dias, uma senhora que mora para os lados do Montijo veio pedir-me ajuda para dois meses de renda de casa. Disse-me que vinha recomendada

pelo senhor Bispo, mas não trazia qualquer cartão, nem sequer um telefonema do nosso Pastor. Não verifiquei. Ainda liguei para saber a verdade, mas o telefone estava ocupado e fiquei por aí, dando o cheque à pobre que se dizia abandonada com o filho — criança de oito ou nove anos — pelo pai deste. Pareceu-me uma mulher pouco capaz, mas acabei por lhe pagar os dois meses.

Parecia-me muito melhor que o senhor Bispo a mandasse ter com o Pároco e, se este não pudesse ajudá-la, que ele me escrevesse uma carta ou um cartão. Que me perdoem, eu não quero meter-me em seara alheia por falta de autoridade e nem ter certeza, senão a palavra da pobre, mas seria pastoralmente mais pedagógico que assim fosse. Melhor para o padre, para a pobre e para mim.

Normalmente costumo instar com os padres a que peçam, nas homilias, ajuda para os pobres da paróquia e, se esta é de gente pobre, dou tudo senão, pelo menos, metade. □

SINAIS

Padre Telmo

UM cientista fala dos jardins dos mares — os corais! A beleza dos corais balouçando ao ritmo das ondas!

Fizemos do mar o despejo das nossas impurezas: canos de esgoto, despejo dos navios, rios que são canais de lixo (recordo um que ficou tinta), e montes de plásticos.

O cientista: (o mar era um grande jardim! Os corais ficaram amarelos e foram morrendo...)

As ondas atiram a sua raiva contra os rochedos nus...

«As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia. O estilo de vida actual só pode desembocar em catástrofe» — *Laudato Si*. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 3

em *Miranda* [do Corvo] e *Lar de Coimbra*, colaborando com ele, como Padre da Rua.

Estava dado o mote para encontrar mais elementos sobre alguns dos seus primeiros passos, menos conhecidos, de como foi *entrando* na Obra da Rua. Todavia, com as contingências actuais, não se tem logo acesso a certos fundos de bibliotecas e arquivos. Numa teimosia bibliográfica e documental [que Deus nos perdoe, mas recomendada pelo saudoso sábio beneditino D. Gabriel de Sousa, primo de Padre Américo], foi possível localizar [por cortesia de Natércia Coimbra, num Arquivo da Universidade de Coimbra, do espólio de J. P. Baptista Dias] alguns números de *Renovamini* — *Boletim quinzenal dos alunos dos Seminários da Diocese de Coimbra*, em especial um exemplar dedicado ao Padre Américo [n. 7, 1969, 6 p.], no qual se encontra um interessante artigo autobiográfico, sob o título: *Um testemunho de P.e Horácio — Como conheci Pai Américo e como me apaixonei pela sua Obra* [p. 4 e 6]. Assim, como memória grata, ficam registadas as suas próprias palavras sobre o desígnio vocacional a que foi sendo chamado. Ora, eis:

Comecei a conhecer Pai Américo pelo Pão dos Pobres no Correio de Coimbra, talvez por

1939. Em Maio de 1941, no meu 3.º ano do Seminário da Figueira [da Foz], foi o nosso passeio anual até Miranda do Corvo, onde almoçámos na Casa do Gaiato que tinha um ano e uma meia dúzia de pequenitos, entre os quais o Avelino, que é hoje chefe da expedição de O Gaiato, em Paço de Sousa, e o Manel Côco, actualmente ao serviço do escritório na Casa do Gaiato de Lisboa. O nosso almoço, servido num barracão, onde agora são os dormitórios, foi de sopa e arroz com galinha e alface. Eu era dos mais velhos e gostava de dar os 'Vivas'. Nunca mais esqueci esta visita e os mimos que fizemos aos gaiatos.

Neste mesmo ano, no fim dos exames, Pai Américo foi pregar um Retiro aberto. Todos gostámos muito.

No Seminário de Coimbra vi muitas vezes Pai Américo e ouvi-o algumas vezes. Ficava sempre muito impressionado com os casos que ele contava.

Recorda-me quando apareceu o jornal O Gaiato. Dois gaiatos começaram a vendê-lo no Seminário. Comprei-o sempre e nunca deixei de o ler; em teologia comecei a assiná-lo. O Gaiato teve muita influência na minha vida. Nos últimos anos de Seminário alguns companheiros chamavam-me gaiato.

Três dias antes da Ordenação Sacerdotal soube que Pai Américo me tinha pedido ao Sr.

Arcebispo [Bispo de Coimbra, D. Ernesto Sena de Oliveira]. Dez dias depois recebi a carta que segue e que guardo carinhosamente — «24-8-50/ Dia de S. Bartolomeu./ Apóstolo. Padre Horácio:/ Podes ser um membro activo desta Obra Social e experimentar nela a tua generosidade, como o Mestre quer e espera de nós. O teu Prelado não impede. /Diz algo neste sentido ao teu amigo in C. J. P. Américo!».

Disse-lhe que sim e no fim de Setembro entrei na Obra e Pai Américo confiou-me a Casa de Miranda do Corvo e o Lar de Coimbra. Recordo-me o dia em que me confiou esta missão, quando nos sentámos à mesa para almoçar, levantou a batina e me mostrou as calças rotas no joelho — «olha a nossa riqueza».

Nos seis anos seguintes em que foi vivo Pai Américo cada vez me impressionou mais pela sua vida de homem todo de Deus e todo ao serviço dos homens. Para ele não havia barreiras no amor: nem dinheiro, nem fama, nem importância, nem categorias sociais; nada.

Pai Américo foi o Homem — Sacerdote que mais me marcou; e a sua Obra tem sido o quinhão que Deus me deu e que gostosamente tenho procurado saborear.

Mostrando-se sempre muito empenhado no sustento da sua comunidade e confiante na promessa de Jesus, num cantinho do Boletim supracitado deixou um

MALANJE

Padre Rafael

OS dias passam e a humanidade continua expectante, esperando uma vacina que consiga combater o Covid-19. Confinamentos, medidas de protecção, encerramento de fronteiras. Neste momento, todos os países olham com admiração para o nosso Portugal por ter dados tão positivos na luta contra esta pandemia.

Por outro lado, o medo das consequências económicas que trarão tantas medidas e restrições. É verdade que um grande surto de solidariedade está surgindo em todo o mundo e que, no final, as pessoas estão mais dispostas a ajudar-se umas às outras do que as próprias instituições, onde, às vezes, parece que querem fazer negócios com o sofrimento.

Em Angola, desde 26 de Abril, algumas restrições foram levantadas, como ir ao local de trabalho. No caso da nossa Casa do Gaiato de Malanje, já começaram os trabalhos na carpintaria, serração, serralharia... e o restante pessoal foi para a Carianga. Também o horário de trabalho será das 7 às 14 horas. No domingo, os chefes da casa e todos os rapazes que têm alguma responsabilidade, reuniram-se para unificar os critérios nesta nova etapa.

Hoje, 29 de Abril, na cidade de Luanda, fizeram a última despedida ao corpo sem vida de nosso gaiato, Hernane Avelino. Deixa esposa e dois filhos. Um acidente de carro terminou com sua vida no local. Ele foi chefe-maioral por dois anos e meio, conseguindo lutar com grande determinação com certos vícios que tínhamos em nossa Casa e recuperar a pedagogia da Obra da Rua. Todos ficamos chocados com esta perda. Tendo completado seus estudos de engenharia e um futuro promissor. Do silêncio e da oração, erguemos o olhar para o Pai, pedindo pela alma deste nosso filho. □

VINDE VER!

Padre Quim

Continuação da página 1

Na nossa vida em família às vezes traçamos projectos com uma visão ampla de futuro, que só chegamos a compreender melhor a sua essência anos mais tarde. E assim na família de Abraão quando o menino perguntou ao pai onde está o cordeiro para ser imolado e oferecido a Deus, a resposta foi pronta — *Deus providenciará*. Grande é Deus que continua hoje a providenciar.

Com os rapazes em Casa a tempo inteiro tivemos que organizar as actividades da nossa vida respeitando os limites impostos pelas autoridades no que diz respeito, sobretudo, à grande concentração do pessoal. Não está a ser fácil viver em dias assim, com as limitações a que estamos submetidos. Nesta fase a oração é que nos está a dar grande força para continuarmos nesta luta protegendo todos por amor. À hora do Terço, vai toda a comunidade para o refeitório onde as mesas se encontram afastadas umas das outras. Foram acrescentadas mais mesas e alguns rapazes rezam e de seguida tomam a refeição nas varandas laterais anexas ao refeitório. As habituais mesas de oito rapazes, estão agora apenas com quatro, um em cada extremo.

Temos aproveitado estes dias do estado de emergência para estar mais intensamente em família. Estendendo mais o diálogo e a confiança uns pelos outros. Os chefes estão bem dispostos todos os dias orientando os rapazes nas mais variadas actividades, sobretudo aquelas ligadas à produção no campo. Já foram plantados, pela mão dos rapazes, mais de oitenta coqueiros, palmeiras de dendém e outras árvores de fruto na zona beneficiada pela cobertura do nosso muro.

Milho, feijão, batata doce e mandioca estão prestes a ser lançados no espaço que esteve coberto de lixo, que os vizinhos faziam no nosso terreno.

As hortícolas aguardam o tempo do cacimbo (frio). Para a rega, foi aberto mais um furo nesta mesma zona e ainda aguarda por uma moto-bomba, que não temos, para tirar a água.

Nesta primeira fase vamos depender dos motores da zona urbana da casa. Aguardamos, com esperança, alguma generosidade nesta parte do campo. A conclusão é de Pai Américo: *«os trabalhos da avenida marcham a todo pano. Agora que são férias os nossos rapazes ajudam com muito proveito para as obras e muita alegria para eles. A Obra da Rua é deles. Os mais pequeninos apanham vides da poda que conduzem em pequeninos feixes para o nosso lenhar. Eles gostam infinitamente de colocar à porta o produto do seu trabalho e chamar p'ra que a gente vá ver: — olhe o que eu trouxe!»* □

pequenino pensamento, bem elucidativo do seu modo simples e apaixonado de ser padre com os pobres. Eis, então, este seu:

Testemunho

É meia-noite. Vou passar os olhos pelas notícias dos últimos 3 dias, para não andar fora do mundo.

Amanhã irei à feira de Cantanhede comprar batatas para

semear. Depois toca a semear. Olha a vida deste pobre enrascado que tem de se desenrascar.

A vida é sempre bela para quem a encara com olhos de servir o Senhor — Patrão que paga 100 % e a Vida Eterna.

Vale a pena servi-l'O bem. Abraço toda a grande família do «Renovamini».

P. Horácio □